

Sumário

Introdução	3
Um convite para sonhar	3
O sonho monástico	3
A visão teológica global do Papa Francisco	5
Ecologia integral	8
Revolução cultural	10
O desafio de hoje	11
O Povo de Deus	11
Sugestões para refletir em comunidade	13
Discernir nossa vida comunitária à luz de <i>Evangelii Gaudium</i>	13
Examinar nossa vida comunitária à luz de <i>Fratelli tutti</i>	14
I - Enfrentar as sombras de um mundo fechado	14
II - Diante do estrangeiro	15
III - Pensar e gerir um mundo aberto	16
IV - Um coração aberto ao mundo	16
V - Sistemas políticos e econômicos	18
VI - Diálogo e amizade social	18
VII - Caminhos de renovação	19
VIII - A serviço da fraternidade no nosso mundo	19
<i>Posfácio</i>	22

Secretariado da AIM

7 rue d'Issy 92170 Vanves - França
Tel. : +33 (0)1 46 44 79 57 • info@aimintl.org
<http://www.aimintl.org>

O Sonho Monástico



Uma resposta à *Fratelli tutti*

— Reflexões da Equipe Internacional da AIM

O Sonho Monástico

Reflexões da Equipe Internacional da AIM

Uma resposta à *Fratelli tutti*

Introdução

Cada comunidade, que vive segundo a Regra de São Bento, deveria sentir-se interpelada pela Carta Encíclica do Papa Francisco *Fratelli tutti* sobre a fraternidade e a amizade social. No texto que se segue, a AIM (Aliança Intermonástica) propõe às comunidades um instrumento para analisar o texto e para refletir sobre o tema em comunidade. Um dos objetivos da AIM sempre foi, de fato, analisar o impacto da evolução social sobre as nossas comunidades de monges e monjas.

Um convite para sonhar

“Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos dessa mesma terra, que nos abriga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.”
(FT8)

O Papa Francisco convida-nos a sonhar. Devemos sonhar juntos, não sozinhos, pois sozinhos corremos o risco de ser enganados pela ilusão. O seu apelo dirige-se a todos, a cada comunidade local, é assim que se pode desenvolver uma cultura do encontro. Esta cultura é necessária para levar o ser humano para um futuro de comunhão e de harmonia. Um sonho vivido juntos torna-se, de fato, uma cultura. Este chamado pode falar a todos os que vivem sob a Regra de São Bento, ele que se dirige a todos os que querem a vida e desejam viver dias felizes (Sl 33, 13; RB Prol. 15) Essas pessoas escolheram uma vida em comunidade para que o Cristo as conduza juntas à vida eterna. (RB 72, 12)

O sonho monástico

A vida monástica tem origem na aspiração descrita pela primeira vez, na época apostólica. No seu ensinamento, Jesus de



Congresso 2016

Nazaré convida seus discípulos a deixarem tudo para chegarem a um apego radical a Deus, e aos seus irmãos e irmãs de humanidade.

Quando certos cristãos da primeira geração sonharam em viver este tipo de resposta, como um modo de vida permanente, adotaram tradições ascéticas, que encarnavam um desejo de plenitude de vida.

Quando hoje entramos numa comunidade monástica, tornamo-nos portadores de um desejo monástico cristão – ou de um sonho de vida monástica – que se enraíza no Evangelho. Isto está ligado à procura de Deus em geral, que é um sonho tão antigo como o coração humano.

O objetivo da vida monástica é a comunhão. Antes de tudo, a comunhão com Deus. Esta expressa-se na procura da oração contínua (cf. 1 Ts 5, 17) e encarna-se numa vida comunitária de partilha com irmãs e irmãos. Ao mesmo tempo é um compromisso em vista da comunhão universal. No seio da Igreja isto manifesta-se

na comunhão de cada comunidade local com outras comunidades da mesma congregação, ou da mesma ordem, e também com a Igreja local e a Igreja universal. A comunhão não se limita à Igreja, mas inclui também os vizinhos próximos e o conjunto da sociedade.

A vida monástica torna-se assim um ateliê privilegiado para o desenvolvimento da cultura do encontro, que o Papa Francisco deseja com todas as forças, na sua última encíclica.

A visão teológica global de Francisco

O convite de Francisco para sonhar é um apelo a viver juntos de tal forma que possamos ser plenamente configurados com a imagem de Cristo. Um tal apelo dirige-se a cada indivíduo, e ao conjunto da humanidade, e até ao universo inteiro. Para compreender plenamente este ensinamento que o Papa Francisco nos dirige, devemos vê-lo como fazendo parte de uma visão teológica global. É refletindo sobre o conjunto do pensamento do Papa Francisco que cada pessoa de fé, e em particular no seio das comunidades monásticas, pode compreender os desafios que ele propõe. Percebendo os desafios podemos então discernir quais devem ser as nossas respostas.

Laudato sí e Fratelli tutti: O laço entre as duas últimas encíclicas *Laudato sí e Fratelli tutti* é evidente. É um apelo a uma ecologia global que implica restaurar a harmonia quebrada pelo pecado:

- a harmonia no coração de cada um;
- a harmonia entre cada um e seu criador;
- a harmonia de cada um com sua família, ou sua comunidade, com sua Igreja e com a sociedade;
- e finalmente a harmonia com todo o cosmo.

Estas duas Encíclicas formam um tríptico com a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* escrita no começo do seu pontificado. Nesta Exortação, Francisco expôs quais seriam as grandes linhas do seu ministério papal: o seu sonho para a Igreja.

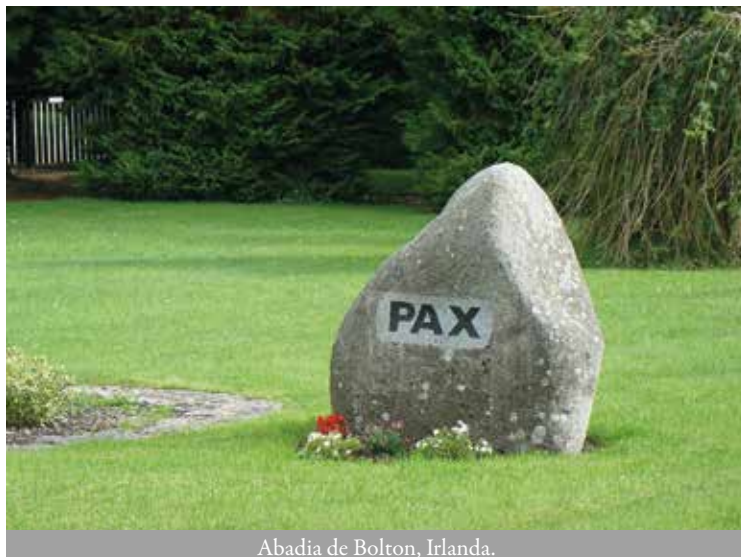
Sinodalidade: Esta síntese teológica será completada, certamente, dentro de dois anos, com uma Exortação apostólica sobre a sinodalidade. Não podemos prever as formas concretas do exercício da sinodalidade que resultarão dos trabalhos do Sínodo, que começou em 10 de outubro de 2021. No entanto, já se conhece a visão teológica do Papa Francisco sobre a sinodalidade. Ele a apresentou várias vezes. Está enraizada na sua teologia do povo de Deus.

Quatro polaridades: *Evangelii gaudium*, na sua riqueza, tem um capítulo sobre a dimensão social da evangelização. Neste capítulo, o Papa fala da cultura e enumera quatro polaridades, cada uma com um elemento superior à outra. Estas polaridades são muito importantes para o Papa Francisco, e ele volta várias vezes a elas nos seus escritos e discursos. O primeiro, e talvez o mais importante para ele, é que “o tempo é maior do que o espaço”. O segundo é que “a unidade vale mais que o conflito”. A terceira é que “as realidades são mais importantes que as ideias”; “O todo é maior que a parte, e é também maior que a soma de suas partes”.

Estas polaridades, particularmente pertinentes para a vida monástica, estruturam as encíclicas *Laudato sí* e *Fratelli tutti*, tal como estruturam o pensamento de Francisco.

O tempo é maior do que o espaço: O primeiro princípio convida-nos a trabalhar focando o longo prazo, sem ficar obcecados pelos resultados imediatos. Isto ajuda-nos a suportar com paciência as situações difíceis e desfavoráveis, e a fazer mudanças que respondam às exigências da realidade.

Dar prioridade ao tempo, explica Francisco, é dar prioridade ao processo de crescimento. Dar a prioridade ao espaço é



Abadia de Bolton, Irlanda.

querer utilizar a potência humana e a afirmação de si em vista de uma tentativa vã para resolver tudo no momento presente. Em outras palavras, privilegiar o tempo é desenvolver soluções com outras pessoas e grupos. Isto exige estar aberto para acolher o inesperado. E contrasta com o pretexto de que se é capaz de predizer exatamente o futuro.

A unidade vale mais que o conflito: a segunda regra é um apelo a desenvolver a comunhão no contexto das diferenças, respeitando-as, em vez de tentar suprimi-las. A unidade da casa comum não repousa sobre a uniformidade, mas sobre a qualidade das relações.

As realidades são mais importantes do que as ideias: a realidade está aí, é, simplesmente, enquanto que a ideia se apoia sobre um desenvolvimento. Entre a realidade e a ideia deve haver um diálogo constante. Seguindo este princípio, por exemplo, Francisco quando do Sínodo sobre a família, começou com uma

pesquisa mundial para ver como viviam os casais. Depois perguntou ao Sínodo o que o Evangelho tinha a dizer à experiência das famílias. Vários cardeais queriam o processo inverso: começar pela afirmação de princípios abstratos sobre os quais a vida deveria se fundamentar. Também antes do Sínodo sobre os jovens, Francisco fez uma pesquisa mundial para descobrir as esperanças, os desejos e os problemas dos jovens. Depois perguntou ao Sínodo o que o Evangelho tinha a dizer a esses desejos, a esses problemas.

O todo é maior do que as partes: é verdade que devemos constantemente trabalhar sobre o que está mais perto de nós, o que está ao nosso alcance, mas não podemos perder de vista o todo. Como o Papa Francisco repete ao longo de *Laudato sí*, “tudo está ligado”. O diálogo e a comunhão são a alma da “casa comum” na qual vivemos e que devemos proteger.

As comunidades monásticas poderiam usar estas quatro polaridades como base para discernir como construir e renovar a vida na situação atual, como parte da família humana. Este discernimento levaria a refletir sobre o ensinamento de Francisco a respeito da ecologia integral.

Ecologia integral

O que o Papa Francisco propõe na sua encíclica *Laudato sí*, não é simplesmente a preservação de algumas espécies animais, ou vegetais, ou a preservação da qualidade de vida no planeta, ou até a sua salvaguarda. O objetivo proposto é nada menos do que a criação de uma nova cultura, o que supõe uma profunda conversão de vida. Chegamos aqui ao coração da vida monástica.

Para Francisco “uma verdadeira aproximação ecológica transforma-se sempre numa aproximação social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o meio ambiente, a escuta do clamor da terra e do clamor dos pobres!”

Francisco propõe uma nova cultura baseada na relação ou comunhão. Implica, pois, uma “antropologia relacional”. A relação não é um meio, mas um fim; não uma consequência, mas um objetivo a alcançar. Francisco fala de uma “revolução cultural” (*LS* 114). Trata-se de “mudar de paradigma” (*LS* 108) ou de “redefinir o progresso” (*LS* 194). Deve ser provocada pelo que ele chama de “ecologia integral”. Este objetivo corresponde ao sentido da vida monástica, na qual o irmão, a irmã procura transformar-se à imagem de Cristo.

A visão de Francisco da “ecologia integral” implica a harmonia entre todos os seres criados e entre a criação e seu criador. Trata-se da qualidade da relação entre o homem e Deus, entre os seres humanos, entre os seres humanos e o mundo animal e vegetal, e o cosmo no seu conjunto. Pode ser descrita como uma “cultura da relação”, ou uma “cultura do encontro”.

Como o Papa Francisco desafia a visão que temos da vida monástica e da vida? Tudo o que foi dito antes é fundamental para a vida monástica.

Tradição: quando um sonho é vivido por uma grande comunidade, em determinado tempo, desenvolve sua própria cultura, que às vezes é chamada de tradição. É uma visão partilhada sobre o objetivo da vida. Esta visão partilhada condiciona cada aspecto da nossa existência: qual é nossa relação com Deus e uns com os outros, como rezamos, como trabalhamos, como tomamos decisões, como entramos em harmonia com o meio ambiente social e natural, como recebemos os hóspedes, como celebramos, como discernimos etc. O ensinamento de Francisco dá uma visão nova sobre todos os aspectos da nossa vida e pede respostas novas da nossa parte, individual e coletivamente.

Desejo: a palavra grega “*monachos*” foi primeiramente usada para traduzir a palavra siríaca *ihidaya*, que designava os monges no começo do monaquismo siríaco. *Ihidaya* não é aquele



Dispensário das irmãs de Tutzing em Jinja (Uganda).

que vive só, mas aquele que tem um só objetivo, um só amor na sua vida e que organiza toda a sua existência em torno desse objetivo. A primeira característica ou virtude do verdadeiro monge, é a simplicidade, a marca daquele que tem o coração unificado – cujo coração não está dividido – e que tem um só amor. Na linguagem dos místicos é um homem de desejo. Este desejo também foi chamado de “utopia”. Com Francisco pode-se chamar isso de sonho. Um sonho que só o Espírito de Deus pode realizar. Isso só pode acontecer com nossa colaboração em todos os aspectos da nossa conversão monástica e nossa ascese.

Revolução cultural

Ao longo dos dois primeiros milênios da era cristã, os monges cristãos foram muitas vezes pioneiros em diversos domínios culturais, particularmente na educação. Na Idade Média contribuíram para desenvolver o cultivo da terra, permitindo alimentar uma população crescente na Europa. Também contribuíram indiretamente para modificar as relações entre as classes sociais.

Também foi observado que ao longo da história se desenvolveram novas formas de vida monástica, como resposta às grandes mudanças culturais que afetavam a sociedade. Estas novas formas encarnavam a compreensão e as esperanças mutáveis do povo de Deus e da humanidade no seu conjunto.

Às vezes diz-se que o monaquismo é “contracultura”. Embora isso seja um mito que não remonta mais longe do que 1968, o certo é que se vê isso num estudo da evolução do monaquismo cristão. Um tal estudo mostra que cada vez que houve um desenvolvimento significativo da vida monástica, acontece sempre a mesma coisa: um indivíduo, ou um grupo de monges particularmente consciente e preocupado com suas necessidades e as da sociedade contemporânea, age. Dá respostas válidas para a comunidade e para o mundo que o rodeia. Assim podemos dizer que os monges sempre responderam às mudanças culturais do seu tempo.

O desafio de hoje

O desafio está aí. É talvez maior e mais vasto do que nunca. A contribuição monástica, se escolhermos pô-la em prática, nascerá da nossa vida de comunhão. Ou seja, através de formas de relação vividas por nossas comunidades, desenvolvidas a partir da tradição secular e diversificada de que somos herdeiros. A mudança cultural se fará conosco, ou sem nós. Pode levar a humanidade para o seu fim, ou para uma nova e maior profundidade de vida.

O povo de Deus

Estas reflexões do Papa Francisco sobre a ecologia integral devem ser igualmente colocadas no quadro mais amplo do seu pensamento teológico, que se enraíza no ramo argentino da teologia da libertação, a que se chamou de “Teologia do Povo”. Uma leitura atenta dos escritos e das declarações do Papa põe em

evidência o lugar que ocupa “o povo de Deus” que ele chama de “o povo crente”, e que gosta de qualificar de “*infallibilis in credendo*” (que não se engana na fé).

Esta centralidade do povo de Deus reflete-se no conceito de sinodalidade de Francisco. É a responsabilidade de todo o povo de Deus. Precede o exercício da autoridade pastoral no seio da Igreja. Esta visão está na base da reforma cultural exigida pela “ecologia integral” proposta pelo Papa Francisco. É indiscutível que o conceito de cultura implica um povo. Uma cultura é sempre a cultura de um povo. Nasceu de uma experiência coletiva de um sonho coletivo.

Na seção de *Evangelii Gaudium* sobre a cultura, que está ligada à *Gaudium et Spes*, Francisco explica o papel importante da cultura para a transmissão do Evangelho. É através de uma cultura evangelizada, quer dizer transformada pelo Evangelho, que a mensagem evangélica é transmitida às outras culturas. No seio da Igreja de Cristo, o monaquismo constitui uma subcultura, quer dizer uma forma de vida que encarna e manifesta, de modo particular, certos aspectos da mensagem evangélica.

Tendo em vista esta visão global do Papa Francisco, eis algumas perguntas que nossas comunidades monásticas podem fazer, se quiserem ser interpeladas pela sua mais recente encíclica *Fratelli tutti*.

SUGESTÕES PARA REFLETIR EM COMUNIDADE E PARA UM DISCERNIMENTO

O Papa Francisco fala muitas vezes da importância do discernimento tanto na vida pessoal como comunitária. Trata-se de ler a nossa situação à luz do Evangelho para discernir em que direção, e como orientar os nossos esforços de conversão e de crescimento.

Discernir nossa vida comunitária à luz de *Evangelii gaudium*

À luz das quatro polaridades de *Evangelii gaudium* evocadas podemos nos perguntar:

- 1 – Será que damos prioridade aos projetos que podem assegurar um futuro melhor para nossas comunidades, nossa Igreja e nossa sociedade, ou temos tendência em defender o espaço de poder sobre nossos institutos, nossas propriedades e nosso trabalho?
- 2 – Como contribuimos para a unidade na Igreja? Como contribuimos para o diálogo inter religioso? Como mostramos respeito pelas minorias na nossa sociedade?
- 3 - Que fazemos na nossa comunidade para discernir as necessidades do mundo em que vivemos? Diante desses problemas contribuimos com respostas enraizadas na mensagem evangélica?
- 4 – Nossa comunidade está fechada sobre si mesma, preocupada com suas próprias necessidades? A comunidade leva a sério suas responsabilidades como membro de uma Congregação, de uma Ordem, de uma Igreja local e da família humana? Quais são as responsabilidades mais importantes?



Examinar nossa vida comunitária à luz de *Fratelli tutti*

No primeiro capítulo de *Fratelli tutti* o Papa Francisco faz o balanço do nosso mundo atual, enumerando os sonhos destruídos, mas deixando transparecer a esperança. Os capítulos seguintes desenvolvem como essa esperança pode ser desenvolvida.

I - Enfrentar as sombras de um mundo fechado

“Usa-se hoje, em muitos países, o mecanismo político de exasperar, exacerbar e polarizar. Com várias modalidades, nega-se a outros o direito de existir e pensar.” (FT 15)

“Partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício de uma seleção que favorece um setor humano digno de viver sem limites.” (FT 18)

“Convido à esperança que “nos fala de uma realidade cuja raiz está no mais fundo do ser humano,

independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive.”
(FT 55)

P. – Nossa *lectio divina* é simplesmente um exercício (individual ou coletivo)? Deixamos a Palavra de Deus revelar a qualidade da nossa vida comum e dos nossos sonhos comunitários?

P. – Numa sociedade em crise e sofrendo de numerosas formas de marginalização e de desigualdade, temos consciência de que fazemos parte dos privilegiados?

P. – O que é que nos dá uma verdadeira esperança em nós e para nós? Onde encontramos esperança para nossos irmãos e irmãs do mundo inteiro?

II – Diante do estrangeiro

“No mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia de outros tempos.” (FT 30)

“Neste mundo que corre sem um rumo comum, respira-se uma atmosfera em que ‘a distância entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade partilhada parecem aumentar: até fazer pensar que, entre o indivíduo e a comunidade humana, já esteja em curso um cisma’.”
(FT 31)

“ ‘As migrações constituirão uma pedra angular do futuro do mundo’. Hoje porém são afetadas por uma ‘perda daquele sentido da responsabilidade fraterna, sobre o qual se assenta toda a sociedade civil’.” (FT 40)

P. - Como expressamos nossa responsabilidade para com os marginalizados da nossa sociedade?

P. – Há membros marginalizados nas nossas comunidades? Como os tratamos?

P. – Nossa comunidade dá uma resposta prática à crise dos refugiados?

III – Pensar e gerir um mundo aberto

“Mas não posso reduzir a minha vida à relação com um pequeno grupo, nem mesmo com minha própria família, porque é impossível compreender a mim mesmo sem uma teia mais ampla de relações (...) A nossa relação, se é sadia e autêntica, abre-nos aos outros, que nos fazem crescer e enriquecem-nos.” (FT 89)

“O amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a plenitude isolando-se.” (FT 95)

“Todo o ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente e nenhum país pode negar-lhe esse direito fundamental.” (FT 107)

P. – Nossas comunidades têm cada vez mais membros internacionais e / ou pertencem a uma congregação, ou a uma ordem internacional. Isto pode ser potencialmente muito frutuoso. Aproveitamos da riqueza desta situação?

P. – Temos uma resposta de caridade sincera para certos problemas do nosso tempo que ultrapassam nossas fronteiras geográficas e culturais?

P. – Que direitos dados por Deus aos outros, e às nossas comunidades defendemos?

IV – Um coração aberto ao mundo

“A chegada de pessoas diferentes que provêm de um contexto vital e cultural distinto, transforma-se em um dom.” (FT 133)

”Ao olhar para si mesmo do ponto de vista do outro, de quem é diferente, cada um pode



reconhecer melhor as peculiaridades da própria pessoa e cultura: as suas riquezas, possibilidades e limites.” (FT 147)

“Na realidade, uma sã abertura nunca ameaça a identidade, porque, ao enriquecer-se com elementos de outros lugares, uma cultura viva não faz uma cópia, nem mera repetição, mas integra as novidades segundo modalidades próprias.” (FT 148)

P. – Nos relacionamos com os vizinhos, a exemplo do bom samaritano, com as pessoas que rodeiam nossos mosteiros, com os que nos visitam, ou vêm pedir ajuda?

P. – Favorecemos uma cultura do encontro, no lugar onde estamos?

P. – Como é que nossa resposta às necessidades locais corresponde aos nossos sonhos para a Igreja universal e para o mundo?

V – Sistemas políticos e econômicos

“Reconhecer todo o ser humano como um irmão, ou uma irmã e procurar uma amizade social que integre a todos, não são meras utopias. Exigem a decisão e a capacidade de encontrar os percursos eficazes que assegurem sua real possibilidade. Todo e qualquer esforço nesse sentido torna-se um nobre exercício de caridade.” (FT 180)

“A caridade social leva-nos a amar o bem comum e a buscar efetivamente o bem de todas as pessoas, consideradas não só individualmente como também na dimensão social que as une.” (FT 182)

P.- Muitos dos nossos mosteiros vivem em países onde os direitos humanos são violados. Como ajudamos as vítimas da violação dos direitos humanos?

P.- Se vivemos num sistema opressivo, partilhamos nossa vida em comunhão com suas vítimas?

P. – Se temos a chance de viver onde reina a primazia do direito, temos consciência da nossa responsabilidade de trabalhar por aqueles que não o fazem?

VI – Diálogo e amizade social

“Falar de “cultura do encontro” significa que, como povo, somos apaixonados por querer encontrar-nos, procurar pontos de contato, construir pontes, planejar algo que envolva a todos.” (FT216)

“A amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas (...). O exercício da amabilidade não é um detalhe insignificante, nem uma atitude superficial, ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura em uma sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias.” (FT 224)

P. – O diálogo faz parte da nossa vida monástica? No seio da comunidade? Com as pessoas de fora?

P. – Procuramos desenvolver uma cultura de bom entendimento na nossa comunidade e com o mundo?

VII – Caminhos de renovação

“Em muitas partes do mundo, faltam caminhos de paz que levem a curar as feridas, há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com engenhosidade e ousadia, processos de cura e de encontros renovados.” (FT 225)

“A verdade é uma companheira inseparável da justiça e da misericórdia. As três juntas são essenciais para construir a paz.” (FT 227)

“O árduo esforço para superar o que nos divide, sem perder a identidade de cada um, pressupõe que em todos permaneça vivo um sentimento fundamental de pertença.” (FT 230)

P. – Vivemos na Verdade, ou procuramos refúgio em nossas próprias versões de verdade?

P. – Como gerimos, individual e coletivamente, os pequenos e grandes conflitos?

P.- Que fazemos para suscitar e desenvolver uma cultura do perdão em nós e ao nosso redor?

VIII – A serviço da fraternidade no nosso mundo

“Todavia, como cristãos, não podemos esconder que, ‘se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte no fato de sabermos que sempre somos perdoados-enviados’.” (FT 277)



São Paulo, Abadia São Geraldo, Brasil.

“Cada um de nós é chamado a ser um artífice de paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de conservá-lo, abrindo caminhos de diálogo em vez de erguer novos muros.” (FT 284)

“Em nome de Deus, (...) declaramos adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério.” (FT 285)

P. – Estamos atentos à imagem do Evangelho que transmitimos, pelo nosso modo de viver, à sociedade que nos rodeia?

P.- Refletimos no que significa para a nossa comunidade monástica, o apelo do Papa Francisco para ir às periferias?

P.- Qual é a contribuição da nossa comunidade para o diálogo inter-religioso e para o diálogo com toda a pessoa de boa vontade, mesmo que não pertença a nenhuma religião?

Posfácio

No nosso tempo não faltam testemunhas que responderam ao apelo do Evangelho, em vista da fraternidade universal. O Papa Francisco nomeia várias. Inspiremo-nos no que ele diz, na conclusão de sua Encíclica, sobre uma dessas testemunhas, que será em breve canonizada: Carlos de Foucauld.

“O seu ideal numa entrega total a Deus encaminhou-o para uma identificação com os últimos, os mais abandonados no interior do deserto africano. Naquele contexto, afluíam os seus desejos de sentir todo o ser humano como um irmão, e pedia a um amigo: “Peça a Deus que eu seja realmente o irmão de todos”. Enfim, queria ser “o irmão universal”. Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos. Que Deus inspire esse ideal a cada um de nós! Amém.”



Novembro de 2021